

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CAMPUS DE GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**MONOGRAFIA:
A HISTÓRICA DO TRABALHO EM GRAJAÚ-MA.**

GRAJAÚ-MA

2019

ANTONIO MARCOS DOS SANTOS SOUZA

A HISTÓRICA DO TRABALHO EM GRAJAÚ-MA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Grajaú, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Edilma Fernandes da Silva.

GRAJAÚ - MA

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	10
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 O Tema Trabalho	11
2.2 Conceito de trabalho	12
2.3. Relações de Trabalho ao longo do Tempo	14
2.3.1 O trabalho na pré-história	14
2.3.2 O trabalho na antiguidade	14
2.3.3 O trabalho na idade média	16
2.3.4 O trabalho a partir da Revolução Industrial	16
3. Reorganização do Trabalho: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo	19
3.1 Taylorismo	20
3.2 Fordismo	22
3.3 Toyotismo	25
4. TRABALHO NA ATUALIDADE: GRAJAÚ – MA.	27
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	33

SOUZA, Antonio Marcos dos Santos

A HISTÓRICA DO TRABALHO EM GRAJAÚ-MA.

Antonio Marcos dos Santos Souza. – 2019. 35 f.

Orientadora: Dra., Edilma Fernandes da Silva.

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Humanas –

Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2019.

1. Tema Trabalho. 2. Relações de Trabalho. 3. Trabalho a partir da Revolução Industrial.

4. Trabalho na Atualidade: Grajaú - MA.

I. Título.

ANTONIO MARCOS DOS SANTOS SOUZA
A HISTÓRICA DO TRABALHO EM GRAJAÚ-MA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Grajaú, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:

Prof. Dra. Edilma Fernandes da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Me. Cristina Torres da Silva Ferreira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.^o Me. Samuel Correa Duarte
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico esta monografia a minha filha, Mariana Agapto Souza e a minha Esposa Leidy Morgana que e é a minha maior incentivadora. Aos meus pais que são as luzes da minha vida. A todos que não acreditavam que um dia eu iria fazer um curso superior. Dedico a toda população Aramense em nome das minhas professoras do coração Regina Mota e Lucilene Rocha e a toda a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter permitido que eu conseguisse chegar ao final dessa longa caminhada, e pelo dom da vida. Agradeço aos meus pais por sempre me incentivarem a estudar, por todo trabalho e esforço que tiveram de criar seus filhos. Por cuidarem da minha filha para que não pudesse faltar nas aulas. Agradeço ainda por tudo que eles fizeram e fazem por mim e pela minha família.

Agradeço de modo particular a professora Regina Mota e a professora Lucilene Rocha por terem “plantado” em meu coração a sementinha do amor pela educação. Observavam que tinha amor pela arte de ensinar e ministra aulas e isso me inspirou a fazer uma graduação na área.

Agradeço a minha esposa pelo apoio, principalmente por acreditar em mim, me incentivando a crescer e a buscar o melhor para a nossa família e, principalmente por querer me ver ascender em minha carreira profissional e acadêmica. Ela é a minha principal fonte de inspiração para estudar, pois, vejo o seu amor pelos estudos e isso me envolve e me faz vê a importância de sempre querer se profissionalizar mais.

Agradeço à minha filha, o motivo maior de sempre querer crescer profissionalmente, com ela aprendi o significado da bondade e de estar sempre apto a aprender algo novo todos os dias.

Agradeço a todos os meus familiares e as pessoas que colaboraram para que esse trabalho fosse realizado com qualidade e principalmente a minha orientadora - Professora Dra. Edilma Fernandes da Silva, mulher dedicada aos estudos e ao seu ofício, sempre buscando incentivar seus alunos a trilharem no caminho da justiça e do conhecimento.

RESUMO

A monografia a seguir trata de investigar como se deu o desenvolvimento do trabalho ao longo do tempo. Traça uma linha que mostra as relações entre empregadores e empregados dentro das indústrias. Apresenta como se deu a organização social após a Revolução Industrial e como isso alterou a vida dos trabalhadores. Analisa como o capitalismo se instaura ao longo do tempo e seus efeitos na economia global. Cita como a automação das máquinas gerou um forte desemprego e a insegurança dos trabalhadores. Analisa como a informatização busca um novo perfil de trabalhadores, que sejam flexíveis e sujeitos às mudanças do capitalismo. Relata as mudanças ocorridas depois do taylorismo, fordismo e toyotismo no setor de produção de carros e como isso alterou a vida da sociedade, que se molda todos os dias as novas tecnologias. Salienta o crescimento da sociedade de consumo que se forma nos dias atuais e como isso afeta a vida dos trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalho, taylorismo, fordismo, toyotismo e trabalho na atualidade.

ABSTRACT

The following monograph is about investigating how the work has developed over time. Draws a line showing relationships between employers and employees within industries. It presents how social organization took place after the Industrial Revolution and how it changed the lives of workers. It analyzes how capitalism is established over time and its effects on the global economy. He mentions how machine automation has generated strong unemployment and worker insecurity. It analyzes how computerization seeks a new profile of workers who are flexible and subject to the changes of capitalism. It reports the changes that took place after Taylorism, Fordism and Toyotism in the car production sector and how it changed the life of society, which shapes new technologies every day. It stresses the growth of the consumer society that is forming today and how it affects the lives of workers.

Keywords: WORK, TOYOTISM, FORDISM, TOYOTISM AND WORK TODAY.

1 - INTRODUÇÃO

Há uma profunda relação entre o trabalho e o modo de organização de uma sociedade. O trabalho é fonte de cultura, pois através dele podemos suprir as nossas necessidades. O ato de trabalhar dá-se dentro de um processo que tem a finalidade de transformar a matéria-prima em produto de consumo. Mas ele também altera o modo de relação entre os homens e na maneira como eles se organizam socialmente.

De fato, ao longo da história o modo de trabalho foi decisivo para determinar o modelo de organização social de uma época. Assim, foi, por exemplo, com o trabalho artesanal e o modelo de sociedade feudal; com o trabalho fabril e o modelo capitalista, etc.

O trabalho sempre foi um elemento essencial para o funcionamento de qualquer sociedade, antes mesmo do capitalismo, como modo de produção dominar a econômica mundial. De outro modo, ele é o motor principal responsável pela produção dos bens e serviços destinados aos indivíduos pertencentes a uma organização social.

Daí questionar-se como a evolução histórica do trabalho contribuiu para o aparecimento dos diferentes modelos de organização da sociedade?

A pesquisa se propõe a alcançar o seguintes objetivo:

Identificar como esse processo de trabalho ocorre em Grajaú - MA.

A Sociologia, como ciência estuda as relações entre pessoas que vivem em comunidade ou em grupos sociais diversos em defesa das condições físicas e morais que uma pessoa tem por direito social, afirma que o trabalho, um dos componentes da vida social, é qualquer esforço humano empregado quer produção que seja ordenado a um produto final ou produto de consumo.

O trabalho ao longo da história desenvolveu formas que influenciaram a formação das sociedades, tais como: sociedade tribal, escravista, capitalista e socialista. Cada um destes modelos de organização social tem como base um tipo específico de trabalho.

Para alcançar todos os objetivos propostos neste estudo, será realizada uma revisão literária das principais obras de autores clássicos e contemporâneos que abordam esse tema. Como, MAURICI (2007), ASSIS (2009); COSTA (2011), ENGELS (1985); MARX (1985), OLIVEIRA (2004),

SILVEIRA (2009); ALBORNOZ (2000), entre outros autores.

Nesse contexto, com o presente estudo abordaremos, como o trabalho é visto na cidade de Grajaú – MA, e a forma que os trabalhadores são tratados, e os seus direitos feridos. Exporemos os diferentes modelos de organização social, que se fundamenta nos princípios da norma de trabalho; do direito dos trabalhadores e na relação de homem e trabalho.

1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - TRABALHO

O trabalho foi algo discutido ao longo da história, pois, como o mesmo é o motor principal para o desenvolvimento de uma sociedade e para a produção de bens de consumo, foi abordado o que seria trabalho produtivo e o que seria trabalho improdutivo. Gerando dessa forma várias abordagens ao longo dos séculos.

Os fisiocratas que foram os primeiros pensadores na era moderna, porém antes deles Xenofonte já havia se dedicado ao tema na Grécia Antiga, segundo COSTA (2011, p1).

A fisiocracia foi considerada a primeira escola da economia científica, antes até mesmo da teoria clássica de Adam Smith, é uma teoria econômica que surgiu para se opor ao mercantilismo, se apresentando como fruto de uma reação iluminista. Em síntese, fisiocracia se baseia na afirmação de que toda a riqueza era proveniente da terra, da agricultura.

Dessa maneira, na visão desses autores, as atividades ligadas à agricultura eram as únicas capazes de gerar o crescimento econômico e a riqueza das nações, isso porque elas eram capazes de obter uma quantidade de bens superior do que a existente no início do processo. Segundo (Zucco, 2005, p.13), a forma fisiocrática de conceber o excedente em termos físicos, confundindo a “produtividade física” com a “produtividade de valor” implicou a incapacidade da teoria fisiocrática para explicar o produto em termos de “valor.”

Contudo, surgem outros pensamentos sobre o assunto, tendo como figura principal Adam Smith e David Ricardo, que não satisfeitos com a visão dos fisiocratas, para trabalho produtivo, “passaram a designá-lo como sendo

aquele que, além de levar à produção de um bem tangível, é capaz de criar um excedente, passível de reinvestimento futuro.” (ibidem, p. 07). Isto é, levaria conseqüentemente a um aumento da produtividade, fazendo com que se multiplicasse a riqueza gerada para os empregadores como um todo.

De outra forma, o trabalho improdutivo é aquele que não gera riqueza alguma, como os governantes, as forças armadas entre outras classes altas, acabam sendo sustentados pelos trabalhadores produtivos, pois, são a base principal para manter a sociedade funcionando, não podendo desfrutar do suor de seus trabalhos.

Segundo Karl Marx,

[...] o que, no sistema de produção capitalista, produz mais-valia para o empregador ou que transforma as condições materiais de trabalho em capital e o dono delas em capitalista, por conseguinte trabalho que produz o próprio produto como capital [...] (1987, apud Zucco, 2005, p. 24).

Assim, notamos a definição de trabalho produtivo e improdutivo, o produtivo é aquela atividade realizada pelo homem que produz mais-valia e o improdutivo não produz mais-valia para alimentar o capitalismo, ou seja, a visão de Adam Smith e Karl Marx se contrapõe.

2.2 - Conceito de trabalho

O trabalho é definido por Karl Marx como a atividade por meio da qual o ser humano emprega sua força para produzir os insumos para o seu sustento. “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]” (MARX,1985, p.153).

Ou seja, podemos definir trabalho como um processo pelo qual as pessoas transformam os elementos que compõem a natureza em objetos úteis ao seu modo de vida; tal transformação é realizada pelo homem através da união que ele faz da sua capacidade física com a sua capacidade mental.

A agricultura era a principal fonte de renda e riqueza para a sociedade, pois, a produção de alimentos e bens de consumo estavam ligados com a necessidades de subsistência. Não se tinha um pensamento capitalista para

gerar riquezas e tudo ocorria com bases de trocas, onde os moradores trocavam alimentos uns com os outros como por exemplo, a batata doce por milho verde. Ou seja, tratava-se de uma relação próxima entre produto, produção e consumo.

Foi por essa razão que Marx definiu a força de trabalho como o *bem “inalienável” do ser humano*.

[...] a existência [...] de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas. Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 1985, p.50).

E dessa maneira, o trabalho torna-se a peça fundamental para o homem que acaba sendo alienado. Assim, notamos que o homem sempre busca a realização máxima de seu trabalho, não importando o quanto o mesmo consome o seu tempo, o tornando tão alienado que o faça pensar que o trabalho é sua fonte eterna de alegria e satisfação. A questão do trabalho como um fim em si mesmo é discutida por Max Weber.

2.3 - Relações de trabalho ao longo dos tempos

2.3.1 - O trabalho na Pré-História.

No período Pré-histórico, o homem lutava pela sua sobrevivência e não tinha a noção de trabalho que temos atualmente. O trabalho que os primeiros habitantes tinham era de procurar alimentos e prover sua sobrevivência por meio de caça, pesca e coleta.

Para as sociedades primitivas, o trabalho consiste em assegurar a própria sobrevivência, através da caça, da pesca, da coleta de alimentos, da busca de abrigo, de vestimenta e da defesa diante de situações perigosas. (SILVEIRA, 2009, p2).

Com o avanço do tempo, começaram a fabricar suas armas e instrumentos de trabalho para o cultivo de algumas espécies de plantas e

cereais aos arredores de rios.

Quando o homem começa a explorar a terra, a ter domínio sobre os animais que utilizará para corte ou tração, a caçar e a pescar, já vivendo em pequenas tribos, o trabalho passa a exigir a participação de todos, e o seu produto, a ser visto como um bem comum. O trabalho passa então a organizar a vida da tribo, que precisa sistematizar as forças produtivas, utilizar sua energia e tempos livres na criação de novos instrumentos e no planejamento da produção. Note que neste período não havia uma divisão entre o tempo destinado ao trabalho e ao lazer. A necessidade de sobrevivência ditava o ritmo do trabalho. (SILVEIRA, 2009, p2).

Nos tempos primitivos, havia o trabalho escravo e o trabalho livre; havia até o trabalho de artesãos e o trabalho de um rudimento de ciência, mas não havia o emprego, tal como nós o compreendemos atualmente.

2.3.2 - O trabalho na Antiguidade

No período da Antiguidade, a relação de trabalho que existia entre as pessoas era a relação escravo e escravizadores. Pois, nessa época, todo o trabalho era feito por escravos. Existiam trabalhadores autônomos como os artesões que as pessoas pagavam para obter seus serviços, por isso, os trabalhadores como artesãos, tecelões não era considerado escravo, por haver remuneração para que efetuassem o serviço para alguém. Pois, na escravidão o trabalhador é “propriedade’ do senhor”.

Dentro da sociedade grega, o trabalho estava ligado a trabalhos manuais que era ultrajante ao homem livre, pois, o mesmo tinha que se dedicar ao ócio e a meditação e a fruição dos prazeres da vida (SILVEIRA, 2009). Assim, os sábios eram valorizados por esta sociedade, pois, dedicavam sua vida a meditação, enquanto o trabalho manual era tido como castigo e era apenas aos escravos visto que o trabalho manual era totalmente desprezado. Fazendo com que desta maneira a prática material produtiva ocupava um lugar secundário. Dessa maneira, eram utilizados os escravos para as tarefas braçais, pois a elite grega devia se dedicar apenas a vida na *polis* mas também havia a gestão da casa ou *oikos*

O desprezo e a desconsideração por todas as atividades que são executadas através do labor surgiu pela impaciência dos

homens com todo esforço que não resulte em algo palpável. Esse desprezo foi se ampliando e ganhando novos adeptos entre os povos antigos com o aumento da necessidade de tempo dedicado à vida nas *polis* (cidades), mais especificadamente de tempo dedicado à política, atividade central para os gregos. Assim, aquelas atividades que fossem necessárias à manutenção da vida, e que portanto eram realizadas na esfera privada, eram desprezadas por que retiravam dos cidadãos tempo para se dedicar a vida pública. (MAURICI, 2007, p.13).

Dessa forma, o trabalho na Antiguidade era executado somente por escravos, pois era considerado indigno de homens livres, aos quais estavam destinadas às atividades intelectuais e de desfrute dos prazeres materiais.

2.3.3 O trabalho na Idade Média

No período da Idade Média, a Igreja de certa maneira detinha o poder e ordenava a forma que as pessoas vivessem. Não diferente, as formas de trabalho também havia um cunho religioso. Segundo SILVEIRA (2009, p1) “A concepção predominante é de que o trabalho exige sacrifício e desprendimento e que a docilidade para enfrentar as dificuldades físicas e materiais enobrece o espírito.”

Dessa maneira, o trabalho era visto como punição pelos pecados cometidos e que os trabalhos forçados era a penitência para a purificação dos pecados. A relação de trabalho nesse período é a do feudalismo em que se tem uma relação entre servo e senhor e que a sociedade se organiza segundo o modelo de produção feudal.

Nesse modelo as relações sociais caracterizam-se por rígida hierarquia entre os senhores proprietários das terras, e os servos, aqueles que as cultivavam. A esses últimos cabia, em troca do trabalho apenas a parte da produção necessária à subsistência familiar. Os servos deviam obediência aos senhores, mas, diferentemente dos escravos, possuíam direito à vida e proteção dos senhores em caso de guerra. A igreja, detentora do saber competia à manutenção dos princípios de obediência que regulavam essas relações (GONÇALVES, 1997, p. 22).

Os servos eram homens livres ou escravos que foram alforriados que para não ficar sobre proteção contra invasores e bárbaros se sujeitavam a trabalhar para os senhores feudais, esse por sua vez podia castigar os seus

servos e até encarcerá-los como forma de punição. Dessa maneira, o trabalho no período da Idade Média fica marcado como forma de expiação dos pecados, que para ser perdoado por Deus pelas faltas cometidas, o homem deve se submeter ao trabalho forçado e a fé deve ser reforçada pelo trabalho (CARMO, 1992), a dominação sobre os servos se dava pela posse da terra em mãos dos senhores.

2.3.4 O TRABALHO A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Com a chegada da Revolução Industrial, o trabalho passa a assumir um sentido mais pragmático, torna-se algo contínuo e repetitivo e a desvalorização do trabalho manual aumenta, pois, o trabalho antes que era realizado por vários homens agora é feito por uma única máquina. Dessa maneira, o sistema de produção muda por completo e a acumulação de riquezas altera as vidas das pessoas por completa as dividindo-as em classes sociais.

Segundo Silveira (2009, p2).

No período da revolução industrial, há o aniquilamento das manufaturas e um deslocamento dos operários para as grandes indústrias, onde desempenham tarefas rotineiras e mecânicas.

A produção em larga escala, por sua vez, provoca a alienação do operário do sentido do seu trabalho. Sendo ele uma "peça da engrenagem", tendo sua participação restrita a uma limitada etapa do processo produtivo, o operário não reconhece no conjunto da produção o seu trabalho, não sabe quem é o consumidor do seu produto, bem como não participa das decisões referentes ao processo de produção.

O trabalho se torna repetitivo e mecanizado, se a função era apertar porcas, o trabalhador só faria isso num ritmo constante para não atrapalhar e atrasar a produção. A maior parte dos trabalhadores trabalhavam até 16 a 18 horas por dia e muitos não sabiam que produtos estavam sendo fabricados na verdade não dominavam o processo de produção, o que implica na alienação identificada por Karl Marx, pois, não podia deixar seu posto de trabalho e recebiam salários baixíssimos em troca de sua mão de obra.

No mundo industrial falta o vínculo entre o trabalho e o resto da vida. Para agir livremente deixa-se o tempo que sobra do trabalho. Assim se separa totalmente trabalho de lazer, de prazer, de cultura, de renovação das forças anímicas, que deverão ser buscadas no tempo

que sobrar do trabalho (ALBORNOZ, 2000, p.39-40).

Dentro dessa nova sociedade, as relações entre as pessoas foram modificadas e controladas pelas indústrias e pelo mercado, os artesãos não podiam competir com o novo mercado industrial, pois não tinha condições de concorrer com o mercado capitalista. Segundo Oliveira (2004, p.84) “O trabalhador perdeu o saber do produto todo ao ir trabalhar nas indústrias, já que não poderia concorrer com elas, tornaram-se, assim, subordinados às mesmas e expropriados do seu saber”.

Dessa maneira o trabalhador, dentro das indústrias e do capitalismo, tornasse objeto e passa a ser propriedade da classe burguesa, (ENGELS, 1985). O trabalhador passa a se tornar uma marionete, pois, com o baixo salário recebido sem poder atender às suas necessidades básicas, se sujeita a ser explorado pelas fábricas e como resultado “[...] os capitalistas, se apropriam de tudo, enquanto que ao grande número de fracos, aos pobres, não lhes restam senão a própria vida, e nada mais” (Idem, 1985, p.36).

Com isso, o avanço da Revolução industrial, ocasionou um grande êxodo rural, pois, muitas pessoas vinham do campo na esperança de conseguir emprego nas fábricas, ocasionando uma superlotação nos espaços urbanos, uma vez que as cidades não estavam preparadas para receber um número grande de pessoas com o fim do sistema feudal e da escravidão, mas sem acesso à terra, por falta de reforma agrária, o trabalhador livre foi obrigado a se fixar nas cidades.

Segundo GONÇALVES (p.2).

A busca de emprego era constante, provocando a superpopulação nas cidades que não estavam preparadas para suportar um grande contingente de pessoas desempregadas. As populações se dirigiam para os grandes centros para permanecer próximo aos possíveis trabalhos e por falta de condições, moravam em habitações precárias nos porões e cortiços.

Notamos dessa maneira, que o trabalho é o grande responsável pela transformação e organização social, pois, ele é o motor que move o homem, e para atender o mínimo de suas necessidades básicas, abre mão de sua terra e de seu espaço para migrar para outra região, não importando as condições de moradia que vai enfrentar está em John Locke a noção de que o trabalho é que cria riqueza, ideia também corroborada por Adam Smith.

Se a procura de trabalhadores aumenta, o seu preço sobe; se diminui, o preço baixa. Se baixa ao ponto de haver um certo número de trabalhadores que já não são vendáveis e ficam em estoque, eles são abandonados a própria sorte, e como não há ocupação que os faça viver, morrem de fome (ENGELS, 1985, p.97).

Assim, observamos que sociedade capitalista é uma organização de trabalho que se caracteriza pela existência de, basicamente, duas classes sociais: os proprietários dos meios de produção e os proprietários apenas de sua capacidade de trabalho o que é uma simplificação – Pierre Bourdieu prefere utilizar a noção de frações de classe para além dessa dualidade. Assim sendo, os trabalhadores trocam com os empresários a sua capacidade de trabalhar por um salário. Nessa sociedade o trabalho industrial com o uso de máquinas aparece como uma forma básica de produção de bens de consumo. Nesse sentido,

O homem tinha assim chegado a um limiar cultural na acumulação tecnológica em que máquinas recentemente inventadas podiam ser acumuladas umas após outras num ritmo cada vez mais intenso. Essas invenções e descobertas foram, é claro, responsáveis pela criação, pelo homem, de uma civilização industrial. (ANDERSON, 1971, p. 46).

Assim, o avanço das máquinas traz consigo uma mudança no modelo de organização social, e isso implica na forma que o trabalhador vai ser tratado, pois, com mais máquinas surgindo e fazendo um serviço que era necessário muitas pessoas a mesma faz apenas com um simples apertar de um botão.

As mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial foram gigantescas modificando por completo, o pensamento humano em relação a organização social, trabalho e escravidão, a partir desse momento que foi um marco para a economia mundial a palavra escravidão tomou um outro sentido e o trabalho que outrora era visto apenas como punição ou purificação de pecados, passou a significar o meio para qual o trabalhador tem para manter sua família e para ter uma “dignidade”, pois segundo a lógica capitalista o homem tem que trabalhar aqui a ética protestante, identificada por Max Weber, teve papel relevante

O outro lado da Revolução industrial foi que muitas pessoas

morreram nas fábricas, muitas crianças foram escravizadas bem como mulheres, pois, eles ganhavam menos que um homem, e com isso, os donos de fábricas e de indústrias contratavam muitas mulheres e crianças para trabalharem e eram submetidos a longas jornadas de trabalhos. Os donos de fábricas não se importavam com os riscos que seus funcionários corressem, pois, o que importava para eles era apenas que os lucros aumentassem, sem medir esforços e nem o quanto seus colaboradores estivessem exaustos ou debilitados não havia legislação trabalhista, que foi uma conquista do movimento operário

Para embasar essa discussão, mostraremos alguns conceitos que surgiram na modernidade para gerenciar o trabalho. Com o avanço do capitalismo as indústrias precisavam extinguir o tempo ocioso de seus colaboradores fazendo com que produzissem mais em um menor número de tempo e com a margem de erro quase zero em suas indústrias. Para isso acontecer, foram implantados novos métodos de produção e reorganização do trabalho visando alcançar uma padronização dentro das linhas de montagens.

3. REORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: TAYLORISMO, FORDISMO E TOYOTISMO

No final do século XIX, o capitalismo já estava instalado nas grandes indústrias da Europa Ocidental e os EUA, e nesse período o processo de produção estava de certa forma desorganizado exigindo que dessa maneira uma nova forma de acelerar a produtividade e que o trabalho rendesse, nasceu novas formas de gerenciar e organizar a produção.

3.1 – Taylorismo

Criado por Frederick Winslow Taylor (1856-1915), o taylorismo surgiu para ampliar e intensificar o uso da racionalidade econômica dentro do processo produtivo, visando a realização de uma tarefa em um menor tempo possível tendo em vista que o funcionário deveria apenas exercer sua função não havendo necessidade de conhecimento da forma de como se chegava ao resultado final, pois com menos tempo e mais produção resulta em mais

produtividade.

Cabe ressaltar que o taylorismo representa o aperfeiçoamento dos métodos empregados no processo de trabalho, especialmente no tocante aos seus aspectos organizacionais, uma vez que o desenvolvimento dos meios e instrumentos de trabalho foi mínimo. (Ribeiro, 2002, p.36).

O taylorismo, visa o enriquecimento dos donos de fábricas, ditando regras para que os trabalhadores cumpram suas atividades sem parar, para que os lucros venham a crescer. Com o crescimento da produção em escala – contrapartida necessária: crescimento do consumo – meio: publicidade e expansão da massa de trabalhadores assalariados o taylorismo nos induz a pensar que quanto maior o lucro dos patrões maiores são os salários trabalhadores, pois, segundo TAYLOR (1985, p. 29) “ O principal objetivo da administração científica deve ser o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado.”

Porém, para que isso aconteça é necessário que algumas normas devem ser cumpridas. Segundo (MAURICI, 2007, p.22). “O primeiro princípio, nas palavras de Braverman, pode ser chamado de a dissociação do processo de trabalho das especificidades dos trabalhadores.”

o administrador assume... o cargo de reunir todo o conhecimento tradicional que no passado foi possuído pelos trabalhadores e ainda de classificar, tabular e reduzir esse conhecimento a regras, leis e fórmulas (1911, apud Braverman, 1980, p. 103).

Dessa maneira, os trabalhadores já não possuem o conhecimento sobre o todo produzido, ficando apenas especializados em pequenas tarefas, ou seja, a dissociação apenas “ [...] objetiva alijar completamente os trabalhadores do saber, das destrezas e do domínio de seus ofícios, tornando-os dependentes da gerência, incapazes de organizar suas próprias tarefas.” (Ribeiro, 2002, p. 37).

O segundo princípio consiste em separar os trabalhadores com uma criação de uma gerência para que pense como as tarefas sejam

realizadas e tenham o conhecimento do que está sendo produzido e os trabalhadores para que executem as tarefas que lhe são repassadas com o conhecimento apenas do que lhe é ordenado pelo gerente.

Segundo MAURICI (2007, p.22):

No último princípio, Taylor relata que a utilização do monopólio do conhecimento deve ser utilizada para controlar cada fase do processo de trabalho e a sua forma de execução.

Assim sendo, os gerentes ficam responsáveis pela retenção de todo conhecimento do processo produtivo e pela busca de uma forma mais adequada de organizar o trabalho e os insumos para a fabricação. O que eles repassam ao trabalhador, de forma bastante detalhada e específica, é somente a parte que corresponde a execução de sua tarefa.

Assim, logo que as tarefas eram repassadas pela gerência, cabia aos trabalhadores efetuarem as tarefas ordenadas de forma mais rápida possível, se fosse apertar porcas tão logo deveria começar sem perguntar qual o produto final que estava sendo produzido. Pois, caso houvesse questionamento e descumprimento das ordens repassadas o trabalhador era despedido e tão logo se contratava outra pessoa mesmo que sem experiência, pois, como eram trabalhos repetitivo um pequeno treinamento já deixava a pessoa optar a trabalhar naquela função. Para MAURICI (2007, p.23).

Para o trabalhador não houve vantagem nesse processo. O aumento de salário advindo de todas essas mudanças não foi proporcional ao aumento do esforço adicional extraído dos trabalhadores. Mas, o aumento da produtividade somado à possibilidade de contratação de profissionais não sindicalizados e não qualificados resultam em uma grande vantagem para os empresários: a redução significativa dos custos da força de trabalho.

Porém, existe um outro lado do taylorismo, como existe uma separação do trabalhador com o empregador, o ritmo de trabalho era conduzida de forma individual por cada trabalhador e ocorria atrasos nas produções de mercadorias. Com isso, era ocasionado nas indústrias e fábricas “taxas de absenteísmo crescentes, atrasos e imobilizações técnicas das cadeias de montagem, quantidades cada vez maiores de produtos defeituosos, [...]” (BERNARDO, 2004, p. 38). Ainda com relação a esse processo MAURICI (2007, p.24) destaca,

O que fica perfeitamente claro é que, embora Taylor tenha

expressado sua preocupação com o bem-estar do trabalhador, ao lhe proporcionar ganhos salariais (mesmo que não proporcionalmente ao aumento da carga de trabalho) as consequências da empregabilidade de seus princípios fundamentais tornaram a vida dos empregados rotineira, desgastante e desumanizante.

Assim, no taylorismo o trabalhador perde o conhecimento e o saber que possuía sobre todo o processo de produção, não tendo mais controle no que está produzindo. Pois, para o capitalismo o que importa é que o trabalhador trabalhe de forma rápida para que a produção possa aumentar e os lucros cresçam para os empregadores.

3.2 Fordismo

O fordismo foi criado por Henry Ford, como um modo de produção em massa em que possibilitava a baixa dos custos de produção e que em decorrência disso aumentava-se a produção dentro das fábricas pela expansão da demanda. Para Maurici (2007, p. 24) “de certa forma, podemos definir o fordismo como sendo a soma do taylorismo com a mecanização da produção.”

Nesse sistema o processo de produção é ditado pelo ritmo das máquinas, que passou adotar sistemas de esteiras, nas linhas de montagens, onde as peças passavam e o trabalhador tinha que ir acompanhando o ritmo, pois para FORD (1964, p.65), o “primeiro passo no aperfeiçoamento da montagem consistiu em trazer o trabalho ao operário ao invés de levar o operário ao trabalho.”

O elemento chave dessa nova organização de trabalho era a interminável esteira transportadora, na qual os componentes do carro eram transportados e que, à medida que passavam, com paradas periódicas, os homens executavam operações simples. (BRAVERMAN, 1980, p. 130).

Desta forma, com uma produção em massa, as fábricas continham várias mercadorias em estoque fazendo com que o preço viessem a baixa, pois, a produção em escala leva a uma redução do custo médio por unidade produzida, essa é a vantagem.

[...] a produção passou a ocorrer em grandes quantidades e acentuada padronização por meio de máquinas especializadas e operários com baixa qualificação de mão-de-obra. Assim o trabalhador executava o trabalho de maneira ainda mais fragmentada, repetitiva e cadenciada, conforme o ritmo da progressão na própria linha de montagem, símbolo desta configuração de organização do trabalho. (PASQUALIN, 2004, p.16).

Assim, o trabalhador passava a desenvolver movimentos repetitivos e sincronizados com as esteiras, e já não é o trabalhador que dita seu ritmo de trabalho e sim a máquina. Dentro do fordismo era proibido que os funcionários abandonassem os seus postos de trabalho e que tinham que se encaixar nas normas das empresas e deveria acompanhar o ritmo das esteiras. “No fordismo, o trabalhador curva-se às restrições ligadas à máquina: automação, cadência ditada pela esteira, ritmo da cadeia de produção”. (Thiry-Cherques, 2004, p. 53).

Ainda de acordo com Maurici (2007, p. 25 e 26),

Outras inovações que se tornaram necessárias para que o processo fluísse sem interrupções foram: a padronização dos componentes utilizados na montagem, fazendo com que as peças tivessem um encaixe perfeito sem maiores complicações; e a reorganização das atividades, de forma que, o encaixe sucessivo das diversas partes formasse um conjunto perfeito, no caso da Ford, um carro modelo T. Para manter o controle, sobre o padrão exigido das peças, foi necessário que as empresas fabricantes desses produtos fossem integradas à empresa responsável pelo produto final, ou seja, foi indispensável a integração vertical para o melhor andamento do processo.

Porém, com a verticalização da produção, era necessário o corte de custo e com isso foi mexido no bolso dos trabalhadores, pois, no primeiro momento o trabalho aumentou e o salário não acompanhou o ritmo. Isso significou para os empregadores um aumento extra nos seus bolsos, porém isso ocasionou uma insatisfação para os trabalhadores deixando-os desanimados ou seja, expansão da mais valia.

Com a fabricação do carro modelo T a todo vapor e o aumento nos estoques, e sem um grande mercado para compra, foi necessário criar uma demanda para consumirem esses veículos, vindo um grande número de trabalhadores em sua fábrica sem veículos, e insatisfeitos com os salários,

[...] Ford muda de estratégia e faz um acordo geral com os trabalhadores aumentando o salário nominal de US\$ 2,34 para US\$ 5 ao dia, inclui os empregados em um plano de participação nos lucros e reduz a carga horária diária de serviço de nove para oito horas. (MAURICI, 2007, p. 26).

Com isso, as vendas vieram aumenta novamente, e os trabalhadores não reclamassem do salário, mas as medidas citadas não implicam em impactos nas vendas, o que ocorreu por meio de estratégias de marketing. O Sistema Fordista muda por completo a forma que a sociedade capitalista pense e os trabalhadores são disciplinados a entrarem em um padrão que se adeque a este modelo.

o estado das relações de classe no mundo capitalista dificilmente era propício à fácil aceitação de um sistema de produção que se apoiava tanto na familiarização do trabalhador com longas horas de trabalho puramente rotinizado, exigindo pouco das habilidades manuais tradicionais e concedendo um controle quase inexistente ao trabalhador sobre o projeto, o ritmo e a organização do processo produtivo. (Harvey, 1993, p. 123).

Mesmo com uma “preocupação” de Ford aos seus funcionários, e o oferecimento de regalias e participações em lucros não deixava de explorar a mão de obra de forma barata como no taylorismo o trabalhador sempre sai perdendo, o funcionário após o surgimento das máquinas é apenas uma objeto de gerar lucros aos patrões.

o taylorismo e o fordismo democratizaram o trabalho nivelando o por baixo. Tornaram irrelevantes a iniciativa do trabalhador, a escolha do método baseada em conhecimentos tradicionais, a habilidade pessoal, a inteligência e a boa vontade. As formas de produção moderna desqualificam o ser humano. É possível que a idéia inicial fosse transformar todo mundo em trabalhador, mas o resultado prático é que o trabalhador passou a ser qualquer um. [...] Ao dividirem o trabalho em seus elementos constituintes, induziram à alienação extremada. Enquanto a divisão social do trabalho subdivide a sociedade, a divisão parcelada do trabalho subdivide o homem, com menosprezo das capacidades e necessidades. (Thiry-Cherques, 2004, p. 54 e 138).

Assim, dentro do Fordismo e Taylorismo, a forma de aumentar a produção visa sempre a exploração e alienação da mão de obra do trabalhador, uma vez que os mesmos fazem apenas trabalhos repetitivos e sem uma perspectiva de crescimento dentro da empresa.

3.3 Toyotismo

Toyotismo foi criado após a Segunda Guerra Mundial pelo engenheiro japonês Taiichi Ohno e aplicado na fábrica da Toyota no Japão, para alguns autores esse novo sistema de produção foi denominado de produção enxuta, pois, a partir da automação das máquinas haveria uma redução no quadro de funcionários e uma gestão para a eficiência de todos os processos e movimentos.

O objetivo principal das transformações organizacionais em várias formas era lidar com a incerteza causada pelo ritmo veloz das mudanças no ambiente econômico, institucional e tecnológico da empresa, aumentando a flexibilidade da produção, gerenciamento e marketing. Muitas transformações organizacionais visavam redefinir os processos de trabalho e as práticas de emprego, introduzindo o modelo da “produção enxuta” com o objetivo de economizar mão-de-obra mediante a automação dos trabalhos, eliminação de tarefas e supressão de camadas administrativas. (Castells, 2006, p.211).

Desta forma, dentro do modelo toyotista, é empregado o trabalho em equipe e todos passam a aprender todas as funções realizados dentro das indústrias, de modo que a produção renda mais e a margem de erro chegue a quase zero através do controle de qualidade total; trabalho por gestão sociotécnica.

Segundo Coriat, (1982):

Toyotismo é constituído por um complexo de regras, valores e dispositivos organizacionais, tais como o “trabalho em equipe” (team), programa de gerenciamento pela qualidade total *just-in-time/ kanban*, a terceirização e novas formas de pagamento capazes de promover a emulação do trabalho.

Com esse sistema de produção enxuto, ocorreu uma descentralização e verticalização, ou seja, a indústria e montadoras de carros já não ficavam responsáveis de produzir a matéria prima do início ao fim, como no fordismo e no taylorismo, mas, pequenas empresas ficavam responsáveis pelo fornecimento de peças. Dessa maneira, há uma diminuição nos números de trabalhadores e um enriquecimento maior dos empregadores. Significando dessa maneira, que “o sistema de produção Toyota é um sistema que permite emergir à superfície o excesso de pessoal. Ou seja, a fábrica mínima é a

fábrica do pessoal mínimo” (ASSIS, 2009, p.69).

No toyotismo, a produção é sob medida, *just in time*, de acordo com a demanda e exigências do consumidor. Não há sobras e, portanto, não há necessidade de estocagem, o que diminui o custo. As empresas são horizontalizadas, terceirizando e subcontratando a maior quantidade possível de setores da produção. Nesse sistema, o trabalhador é polivalente e versátil, devendo estar apto a operar várias máquinas e a desempenhar múltiplas funções simultaneamente, apresentando novas habilidades: deve ser responsável, com iniciativa e “flexível” (ASSIS, 2009, p. 70).

Dessa maneira, com uma equipe de colaboradores flexíveis e polivalentes, há um maior rendimento da produção e um maior proveito dos maquinários e equipamentos das fábricas e indústrias e uma relação de trocas de informações e de conhecimentos entre os trabalhadores.

Podemos enumerar como sendo as mais importantes: a organização da produção em forma de célula; um controle rígido da produção e dos estoques; uma boa relação com os fornecedores; uma produção gerada a partir da demanda; um controle total da qualidade dos produtos; uma rápida substituição de ferramentas na máquina; um controle visual do processo produtivo; e, o que é mais importante para este estudo, o maior envolvimento da empresa com os seus funcionários. (MAURICI, 2007, p. 32).

Todo o processo do Toyotismo, visa sempre o controle de qualidade dos seus produtos e de um desperdício mínimo de tempo, com a divisão da empresa central em pequenos fornecedores, os atrasos eram mínimos na entrega dos produtos e se alguma máquina viesse a quebra todo o processo de produção era automaticamente parado, a fim, de que o produto não saísse com defeito. Com o trabalhador flexível, as máquinas eram consertadas imediatamente por ele mesmo, não ficando esperando algum técnico vim para consertá-la.

A técnica seguinte se refere ao rígido controle da produção e dos estoques segundo o sistema “Kanban”. Neste tipo de sistema, são realizados inventários dos produtos com um pequeno número de peças em estoque, logo em seguida se realizam os pedidos para que os fornecedores reponham rapidamente esses produtos. (MAURICI, 2007, p. 32).

Com a horizontalização e aquisição de peças de pequenas fábricas, as máquinas eram sempre alimentadas e a produção não era interrompida, poderiam ser fabricadas pequenos lotes de peças sem que haja desperdício e

com isso um controle de qualidade do produto final. Com isso, a Toyota começa a expandir suas indústrias a partir dos anos 80 tornando-se a ideologia universal do capitalismo (ASSIS, 2009, p. 71).

Seus princípios (e dispositivos) ideológicos e organizacionais passaram a permear uma série de discursos voltados para a administração de empresas. Surgiu “um complexo de variações populares do toyotismo, tais como *benchmarking* reengenharia, gerenciamento pela qualidade total, etc”. O toyotismo tornou-se a “ideologia orgânica” da produção capitalista com uma série de variações concretas, decorrentes de suas particularizações setoriais, regionais e nacionais. (ASSIS, 2009, p. 71).

Após assumir uma importância fundamental dentro do capitalismo, o sistema de qualidade do Toyotismo passa a ter um novo significado, sintetizando uma nova lógica sistêmica de produção de capital e com isso, novos traços que representa a Terceira Revolução Tecnológica Científica.

Dentro desse contexto, a principal tarefa do trabalhador é monitorar a máquina e fazer a sua manutenção, com ênfase na qualidade do trabalho. As novas formas de organização e gerenciamento do trabalho no capitalismo contemporâneo, exigem, portanto, uma nova função para o trabalhador dentro da fábrica informatizada; exigem um comportamento fundamental distinto em relação ao paradigma anterior (Assis, 2009, p. 72).

Assim, observamos que dentro do Toyotismo o trabalhador passar a ter uma maior liberdade dentro de seu ambiente de trabalho e com isso uma segurança maior em manter seu emprego. Com a automatização das máquinas todos os funcionários passam por rigorosos treinamento e não sobra tempo para o ócio dentro das indústrias.

Nesse sistema, o trabalhador passa a receber um pagamento melhor e com bonificações e muitos passam a ter um emprego vitalício nessas indústrias, outros são contratados por tempo determinado e com isso, a sociedade é moldada de uma nova maneira, onde todos são transformados em trabalhadores, desde que, busquem qualificação na área que deseja atuar.

4. Trabalho na atualidade: Grajaú – MA.

O formas de trabalho na atualidade passaram por diversas modificações, desde as mais simples até as mais complexas, agora tudo é

regido pela automatização, controle de rede e de internet. Os trabalhadores passaram a serem substituídos por máquinas automatizadas que não necessitam de operadores. As organizações são mais sofisticadas e a taxa de desemprego vem crescendo constantemente e para conseguir uma colocação no mercado de trabalho é necessário passar por vários cursos de aperfeiçoamento.

Dentro do capitalismo moderno, o trabalhador tem que ser polivalente e flexíveis. Pois, o mercado de trabalho é competitivo e convém sempre estar disposto a aprender. O avanço tecnológico trouxe avanço para a sociedade, assim também como conforto e bem estar. Mas para que isso acontecesse, “as pessoas tiveram que abrir mão da sua auto-suficiência e passaram que depender exclusivamente dos bens socialmente produzidos para satisfação de suas necessidades” (MAURICI, 2007, p.41). Em outras palavras, o capitalismo é que impõe os desejos e as necessidades de cada cidadão no que deve ou não consumir e por quanto tempo usa um determinado produto.

[...]as horas vagas do animal laborans jamais são gastas em outra coisa em outra coisa senão consumo; e, quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são seus apetites. O fato é que estes apetites se tornam mais refinados, de modo que o consumo já não se restringe às necessidades da vida mas ao contrário visa principalmente as superfluidades da vida, não altera o caráter desta sociedade: acarreta o grave perigo de que chegará o momento em que nenhum objeto do mundo estará a salvo do consumo e da aniquilação através do consumo. (Arendt, 1981, p. 146).

O capitalismo planta dentro de cada cidadão o desejo constante de sempre querer mais e mais produtos, de não se contentar somente com um, mas, com vários. A sociedade é alienada a adquirir a síndrome do consumismo, quanto mais eu compro mais eu me realizo. “E infelizmente, é somente assim que a sociedade moderna consegue encontrar a felicidade: através do consumo e, muitas vezes, do desperdício de bens.” (MAURICI, 2007, p 43).

Para o trabalhador o seu salário é apenas o suficiente para manter suas necessidade básicas de consumo, o tornando alienado a sempre trabalhar mais, para consumir além de suas necessidades. Dentro desse novo contexto contemporâneo, o trabalho é visto apenas como uma maneira de alimenta o consumismo e as indústrias usam de marketing e propagandas para

pregar isso, criam objetos com valores altíssimos para que seja criado no interior das pessoas a necessidade de consumir.

Para encontrar trabalho para todos os inúteis da sociedade atual, e para deixar o aparato industrial se desenvolver infinitamente, a classe operária, tal como a burguesia, violentar a abstinência e desenvolver infinitamente sua capacidade de consumo. (Di Masi: 2001, p. 166).

As empresas estão apenas preocupadas de alienar a massa a consumir seus produtos e os trabalhadores que não se modernizaram com as máquinas são esquecidos do mercado de trabalho. Ou seja, com o avanço tecnológico os trabalhadores são tratados como descartáveis e no ambiente de trabalho é plantado a insegurança entre os trabalhadores, pois, a automação das máquinas, as humilhações que os trabalhadores sofrem são motivos de gera insegurança e medo nos funcionários.

O município de Grajaú – MA vem se desenvolvendo no setor do agronegócio com a produção de soja, arroz, milho, carvão, eucalipto e no setor do extrativismo mineral com a produção de gesso, mas, as oportunidades de trabalhos ofertados são mínimas, pois, as máquinas estão realizando o trabalho de vários homens. Segundo o Sr. “Freitas” proprietário de uma grande fazenda que produz grãos (arroz, soja e milho) “as vagas de empregos ofertadas dentro de sua fazenda e de seus amigos, são na maioria das vezes ocupadas por pessoas de outros Estados.” Para ele, Isso ocorre devido à falta de mão de obra qualificada em Grajaú para operar os modernos tratores e outras máquinas modernas dentro das fábricas e plantações.

Segundo a gerente da CDL de Grajaú – MA, o número de inadimplentes em Grajaú, teve um crescimento de 40% a cada dez pessoas que se dirige até o local para consultar a sua situação perante ao SERASA e ao SPC. Ao visitarmos algumas lojas, os gerentes nos mostram a imensa quantidades de currículos que são entregues durante o dia. Segundo “Teresa”, disse que em seu estabelecimento recebe em média dez currículos diariamente, contudo não há vaga de emprego em seu estabelecimento.

Ao ser abordado um outro empregador que tem como ramo churrascaria, disse que ele mesmo não paga salário para ninguém, quem quiser trabalhar para ele tem que se sujeitar a ganhar apenas R\$ 30,00 o dia sem reclamar, caso algum prato ou copo seja quebrado mesmo que por

acidente tem que ser descontado e só poderá consumir algo se ele autorizar ou se comprar.

Dessa maneira, observamos o quanto o trabalhador é explorado para sustentar sua família, a realidade que vemos no dia a dia é bem mais triste, porém, existem empresas que seguem as leis e fazem de tudo para seus funcionários terem seus direitos garantidos, como no caso de alguns postos de gasolina, empresas gesseiras e algumas empresas que vêm de outros estados.

A cidade de Grajaú tem muito a crescer ainda, com 62.093 habitantes segundo o censo realizado em 2017 pelo IBGE, nesse mesmo ano, “o salário médio mensal era de 1.9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9.3% que corresponde a 6.440 habitantes ocupados” (IBGE, 2017).

CONCLUSÃO

Assim, os objetivos propostos neste estudo foram alcançados, observamos que o trabalho ao longo da história foi visto de várias formas. Com o surgimento do homem seu primeiro trabalho era procurar comida e moradia, o trabalho era tido como sobrevivência, durante o percurso da humanidade, o trabalho também foi visto como forma de punição e deveria apenas ser realizado por escravos e deveria o homem livre apenas o ócio. No período feudal e durante a Idade Média era visto como punição dos pecados e para ser purificado e se ganhasse a salvação da alma, o homem deveria trabalhar duro.

Com a industrialização, o capitalismo começa a se desenvolver e o trabalhador passar a ser visto de maneira diferente e como objetos descartáveis. As indústrias aumentaram suas competitividades e muitas crianças e mulheres foram contratados e expostos a jornadas de trabalhos altíssimas chegando até 16 horas por dia e ganhando um terço do salário de um homem.

Com a modernização os trabalhadores necessitam passar por formações que os deixavam aptos a trabalharem nas máquinas, onde realizavam trabalhos repetitivos e pesados, se era apertar porca só deveria fazer isso sem questionar o produto final que estaria sendo produzido. Com isso, os trabalhadores deixaram de ver o sentido da realização de suas

atividades, pois não conheciam mais os resultados do seu trabalho.

Devido ao avanço do capitalismo e a geração de mais lucros para os empregadores, surgiu novas organizações de trabalho, o primeiro foi o Taylorismo, que visava acabar como desperdício de tempo ocioso dentro das fábricas, e com isso foi contratado funcionários especialistas em operações simples e desgastantes, como apertar porca sem fazer nenhum questionamento.

Isso foi muito desgastante para as indústrias e não trouxe um melhor resultado e dessa maneira, surgiu o Fordismo, com suas esteiras, onde levava o trabalho ao trabalhador e uma produção em larga escala de veículos. Porém, o serviço aumentou e os colaboradores começaram a reclamar e Ford, vendo um enorme estoque e o grande números de insatisfação de seus empregados, resolver incentivá-los a trabalharem mais. Ofereceu benefícios que foram o aumento do salário nominal de US\$ 2,34 para US\$ 5 ao dia e a redução da carga horária diária de serviço de nove para oito horas. E estas só foram concedidas por que era do interesse de Ford criar uma demanda para seus produtos e obrigar os trabalhadores a aceitarem suas novas técnicas empresariais.

Contudo, o mercado precisava de funcionários mais flexíveis e polivalentes, e com isso surgiu o toyotismo, mais conhecido como produção enxuta devido à redução nos quadros de funcionários e a automatização das máquinas. Nesse novo modelo de produção, os funcionários têm o conhecimento do produto todo que está sendo produzido, e o todo o processo é realizados por máquinas necessitando de poucos funcionários. O grande auge do Toyotismo foi a descentralização das fábricas, pois, foram divididas em pequenas células que prestam serviço a matriz.

Nesse sistema, a matéria prima é produzida por pequenas fábricas e com isso foi possível a criação de pequenos lotes e a redução de estoques. Sem estoques e com a terceirização de mão de obra e de peças os lucros aumentaram para os empregadores e não só isso, o controle de qualidade aumentou, o número de automóveis com defeitos diminuíram drasticamente e a satisfação dos clientes foram positivas.

Os trabalhadores para se tornarem aptos a trabalhar agora nas fábricas automatizadas, necessitam passar por cursos de aperfeiçoamento,

caso contrário ficará fora do mercado de trabalho, não diferente do dias atuais.

Com o mercado de trabalho cada dia mais competitivo, os trabalhadores que não tem acesso aos meios de comunicação e da tecnologia, e obrigado a viver à margem da sociedade ou a se submeterem a trabalhos desumanos com todos os seus direitos negados.

Na cidade de Grajaú – MA, os contratados são submetidos a longas horas de trabalho em troca de um salário mínimo ou em muitos casos a nem isso. Os direitos trabalhistas dessas pessoas são negados e os órgãos competentes fazem vista grossa, alegando que não tem pessoal para fazer uma fiscalização.

Com isso, chegamos à conclusão que o trabalhador sempre foi massacrado pelos empresários desde o longo dos séculos, o trabalho sofreu mudanças e vem sofrendo ao longo dos anos e para que se tenha uma oportunidade de emprego, devemos está buscando qualificações ou estudando muito para conseguir uma segurança através de um concurso público.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ANDERSON, Walfred A.; PARKER, F. B. **Uma introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 1981.
- ASSIS, Renato Viola de. **Dinâmica organizacional da empresa moderna: as relações jurídicas de trabalho frente às transformações políticas-econômicas do século XXI**. Piracicaba: UMP, 2009.
- BERNARDO, João. **A democracia totalitária: teoria e prática da empresa soberana**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. 9.ed. São Paulo: Paz e terra, 2006. v.1.
- CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997
- CENSO DEMOGRÁFICO 2017. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. V4.3. 33. Rio de Janeiro: IBGE, 2017 . <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/grajau/panorama>, acessado em 01 de setembro de 2019.
- COSTA, Keilla Renata. **"Fisiocracia"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/economia/fisiocracia.htm>>. Acesso em 16 de janeiro de 2019.
- CORIAT, Benjamin. Automação programável: novas formas e conceitos de organização da produção. IN: SCHIMITZ, Hubert; CARVALHO, Ruy de Quadros (org). **Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- FORD, Henry. **Os princípios da prosperidade: minha vida e minha obra**. São Paulo: livraria Freitas Bastos, 1964.
- FONTOURA, Amaral. **Sociologia Educacional**. 20 ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1969.
- GONÇALVES, Aracely Mehl. **FRANCISCO FERRER y GUARDIA: Educação e a imprensa anarco-sindicalista – “A PLEBE” (1917-1919)**. Ponta Grossa – PR: UEPG, 2007.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

LAMEIRAS, Maria Andreia Parente; CORSEUIL, Carlos Henrique L. et al. **Mercado de Trabalho**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/190618_cc_43_mercado_de_trabalho.pdf>. Acessado em 05 de Agosto de 2019.

LIMA, Davi Castro. **Direitos trabalhistas que você precisa conhecer**. <https://www.davicastrolima.com/single-post/2017/02/24/12-DIREITOS-TRABALHISTAS-QUE-VOC%C3%8A-PRECISA-CONHECER>. Acessado em, 26 de Junho de 2019.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (**Os economistas**).

MAURICI, Elisa. **Uma atividade em constante transformação**. Florianópolis: UFSC. 2007.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. **Transformações no mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias**. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15327/8626>. Acessado em 24 de janeiro de 2019.

PASQUALIN, Marcele. **FORDISMO**: uma análise aplicada ao casos do Brasil e Japão. Florianópolis: UFSC, 2004.

RIBEIRO, Cibele Peres. **Os impactos das inovações no processo de trabalho sobre a qualificação do trabalhador**: um estudo Economia) – Curso de Pós-graduação em Catarina, Florianópolis.de caso. 2002. Dissertação (Mestrado em Economia, Universidade Federal de Santa SALERMO, Mário Sérgio. Trabalho e organização na empresa integrada e flexível. IN: FERRETI, Celso João et. al. (org). **Tecnologias, trabalho e educação**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVEIRA, Tatiana dos Reis. **Trabalho e Organização**. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/torganizacao/index.php?pagina=1>. Acesso em 16 de janeiro de 2019.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Atlas, 1985

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Sobreviver ao trabalho**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZUCCO, Graciele. **O conceito de trabalho produtivo**. 2005. 53 f. Monografia (Graduação em Economia) Curso de Graduação em Economia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.